

Crônica espera nos postos de saúde do DF

Ronaldo de Oliveira



COM CRIANÇAS NO COLO, MÃES ESPERAM HORAS NO BANCO DE CIMENTO DO CENTRO DE SAÚDE DE SAMAMBAIA POR UM MÉDICO. QUANDO CONSEGUEM SER ATENDIDAS, A CONSULTA É RÁPIDA E, MUITAS VEZES, NÃO HÁ O REMÉDIO PRESCRITO

VIA-CRÚCIS EM TRÊS ESTAÇÕES

PRÉ-NATAL

O filho da empregada doméstica Francisca Rodrigues, 27 anos, completou 7 meses de gestação sem que ninguém ao menos saiba se está tudo bem com ele. Na barriga imperceptível da mãe, ele desenvolve-se no anonimato. Mulher, negra, magra e com pouco estudo, Francisca procurou assistência médica na última quarta-feira no Centro de Saúde 6. Chegou às 16h. Da porta do centro, um educado porteiro com cassetete pendurado na calça se limitou a dizer, sem alterar o tom de voz: "Hoje à tarde não tem médico."

No outro dia, às 7h30, ela voltou para mais uma tentativa. Mostrou a carteira de trabalho para a assistente do ginecologista na última sala do corredor, pegou a senha em papel plastifi-

cado e sentou no espaço que restava do banco de cimento com azulejo. Depois de duas horas na fila, soube que teria de voltar em uma semana para a reunião realizada com mulheres em início de gravidez.

Pelo programa de pré-natal dos centros e postos do DF, essa reunião é o primeiro passo de um tratamento que termina antes do parto. Francisca vai entrar nos oito meses sem ter conversado com o médico.

A urgência no atendimento em um caso como o dela não foi levada em conta pelo centro. Pouco consciente da importância do pré-natal para a saúde da criança, a empregada doméstica fica na esperança de que tudo corra bem. Assim como no seu primeiro parto na roça, quando deu à luz sozinha. Só ela e Deus.

PRIMEIRA INFÂNCIA

As filhas da recepcionista Mislânia Silva, 23 anos, tiveram sorte quando estavam na barriga da mãe. Moradora da Samambaia, ela conquistou uma vaga no programa de pré-natal. As meninas,

CONSULTA OU DESPACHO?

✓ Natália dos Santos, 18 anos, mora na Ceilândia, a 10 minutos do centro de saúde, mas passou dois dias em busca de atendimento para o filho de 10 meses. Quando conseguiu, às 11h45 da sexta-feira, entrou no consultório e começou a ser interrogada pela médica. O berço do menino tem urso de pelúcia? Alguém da família tem asma? Antes de ouvir todas as respostas, a doutora pediu que o macacão de Walisson

fosse retirado. Sem avisar, foi passando o estetoscópio pelo peito do pequeno. Como não encontrou nada, examinou o ouvido. Diagnosticou uma inflamação no lado direito. Enquanto escrevia a receita médica, ditava, de cabeça baixa, sem respirar, as dicas de cuidados e medicamentos necessários. Em 15 minutos, Natália e Walisson estavam fora do consultório. "Cê viu como ela falou comigo?", perguntava.

hoje com 1 e 4 anos, nasceram saudáveis. Em pouco tempo descobriram que não podem contar com os doutores do centro de saúde a 10 minutos de casa.

"Há duas semanas, a mais nova estava sentindo falta de ar. Levei no centro e eles disseram que não havia como nebulizá-la",

conta Mislânia. Preocupada, ela não se permitiu voltar para casa e enfrentou meia hora de ônibus para chegar ao hospital público. Só foi atendida no final da tarde.

Na última quinta-feira, a mulher passou pelo mesmo sofrimento. Dessa vez, com a filha mais velha. Às 9h, entrou correndo no centro

de saúde, virou no primeiro corredor à esquerda e deu de cara com uma fila de mulheres com crianças no colo, embaixo das janelas com o sol quente nas costas.

Procurou a sala da criança, onde os pequenos são pesados e preparados pela enfermeira para o exame com o pediatra. Contou que a filha estava mole, sem apetite e febril. Mas não adiantou. "Tive que correr com ela para o hospital, morrendo de medo de ela desmaiar no caminho de tanto calor."

Desde que deu à luz pela última vez, Mislânia não voltou ao ginecologista. A marcação de consultas do centro não acontece todos os dias. E, quando acontece, a grande procura impõe horário de chegada: 5h. Como trabalha até 6h da manhã, a recepcionista fica sem atendimento. É obrigada a suportar as dores, depois da relação sexual, no local onde o médico fez os pontos do parto normal.

PÓS-PARTO

A classe média também sofre com a precariedade dos postos do DF. O agente administrati-

vo Rogério dos Santos, 37 anos, morador de um condomínio em Sobradinho, paga plano de Saúde privado para os filhos, mas apela para a rede pública quando o assunto não é grave. Sua mulher fez o pré-natal no centro. Ganhou neném há dez dias. O pós-parto tem sido complicado.

Na última quinta-feira, Rogério percorreu três postos em busca de remédios para a mulher. A peregrinação começou às 14h e não terminou. Às 16h30, chegou ao Centro de Saúde 01 de Sobradinho. Lá, com a receita na mão, esperou vinte minutos para ouvir do atendente da farmácia que os remédios estavam em falta. Teve que comprar.

Nas últimas três vezes em que ficou gripado, o agente administrativo foi direto ao hospital. Não confia mais no posto. Prefere as 6 horas na fila da emergência. "Ouço na televisão o governo falar que não vai faltar mais remédio, nem médico, e tudo continua a mesma coisa", indigna-se Rogério.

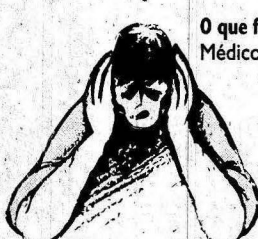
CALVÁRIO PELOS POSTOS DE SAÚDE

Rogério dos Santos, 37 anos



2 horas e 30 minutos

Mislânia Silva, 23 anos, com a filha de quatro anos



4 horas

Natália dos Santos, 18 anos e o filho de nove meses



28 horas 40 min

Francisca Rodrigues, 27 anos



1 semana



MISLÂNIA SILVA LEVOU AS FILHAS AO POSTO DE SAMAMBAIA, MAS NÃO FOI ATENDIDA